

52A
x

Titan Tractor Corporation

3
COI-8
FO4-3
FG11-9-1/Reedy

NEW YORK CITY, N. Y.
U. S. A.

OFFICE OF THE CHAIRMAN

January 15, 1965

Dear George:

Thank you for your kind note of January 4th. It was nice to hear from you.

Speaking of Latin America - I'm preparing to leave for Bolivia on the 20th, January to lock up a substantial order for our small farm tractors - with invited stops at Lima and Quito.

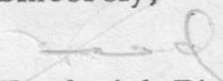
We are quite bullish on Latin America after five years of just plain experience and study. The President and his administrators are quite highly regarded down below and I anticipate that the business climate down in those countries will pick up for those americans who stick it out.

I appeared on Uruguayan television on the last trip and was asked many questions about our President. They were quick to concur that he is a man upon whom they can rely.

Perhaps you will join me at Dinner one evening in D. C. upon my return. Meanwhile, have fun at the innaugural.

Warmest regards.

Sincerely,


x
Frederick Pittera

Hon. George E. Reedy
Press Secretary to the President
White House
Washington, D. C.

RECEIVED
JAN 21 1965
CENTRAL FILES

January 4, 1965

Dear Fred:

It was good to hear from you and get caught up on your activities.

Your recent trip to Latin America sounds most interesting. I hope that we can get together soon.

Sincerely,

George
George E. Reedy
Press Secretary
to the President

Mr. Frederick Pittera
49 West 47th Street
New York, New York 10036

RECEIVED
JAN 5 1965
CENTRAL FILES



November 9, 1964

Hon. George E. Reedy
Press Secretary to the President
White House
Washington, D.C.

Dear George -

now that the President
has made a successful "reentry"
I assume you're going to take a
breather!!

I'm down on a tour of the South
American Republics for the
purpose of selling our small farm
tractors as part of the Agrarian
reform program needs in these
countries. So far so good. We
are also financing these purchases
-privately for as long as 15 years!!

After you get the enclosed
translated then you will appreciate
how our So. American neighbors
exaggerate - the statements in
some cases are horribly twisted
in the translation. However, the
entire article is favorable to the
President's reelection.

Warmest personal regards.

Cordially yours.

Fredrick Dykstra

A BORDO DE UM "BANDEIRANTE" DA PANAIR DO BRASIL



Manchete

RIO DE JANEIRO,
14 DE NOVEMBRO DE 1964
ANO 12 • N.º 656



**PRESTIGIE
O RIO NO SEU
IV CENTENÁRIO**

Pôsto de Escuta	6
Eleições nos EUA	16
O Brasileiro Kubitschek	24
Roberto Campos	26
O Brasil no Clube dos Foguetes	28
Gente que É Manchete	33
40 Anos de Risos nos 400 do Rio	34
Notícias que Valem Manchete	42
Ocaso e Esplendor das Condecorações	45
Fernando Sabino	53
Paulo Mendes Campos	55
Lua — Ida e Volta	58
A Morte Estava em Cena	74
Teatro	81
Henrique Pongetti	87
Menotti del Picchia	88
Arte Velha, Vida Nova	95
Rubem Braga	99
O Strip-Tease de Cláudia	100
O Brasil em MANCHETE	103
Procura-se Uma Rosa	104
Pelé — Cidadão Carioca	108
Trini López no Rio	110
Uma Rainha na Inglaterra	112
Uma Cidade Portuguesa com Certeza	120
O Mundo em MANCHETE	124
Claudius	126

Nossa capa: Lyndon Baines Johnson, 36.º presidente dos Estados Unidos da América do Norte.

IMPRESSA E EDITADA POR BLOCH EDITORES S. A.

DIR. PRESIDENTE: Adolpho Bloch — DIR. SUPERINTENDENTE: Oscar Bloch Sigelmann — DIRETORES: Pedro Jack Kapeller, Hans Berliner e Antônio Ferrara — DIRETOR RESPONSÁVEL: Nelson Alves — MANCHETE — DIRETOR: Justino Martins — CHEFE DE REPORTAGEM: Arnaldo Niskier — CHEFE DE REDAÇÃO: Zevi Ghiveldier — SECRETÁRIO: Ney Bianchi — REDAÇÃO: Raimundo Magalhães Jr., Otto Lara Resende, Léo Ivo, José Carlos Oliveira, Raul Giudicelli, Fernando Pinto, Cordeiro de Oliveira, Flávio Costa, José Rodolpho Câmara, Odacir Soares e Alberto Shatovsky — COLABORADORES: Henrique Pongetti, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Rubem Braga, Helena Sangirardi, Tavares de Miranda e Claudius — FOTOGRAFIA: CHEFE: Nicolau Drei — REPÓRTERES: Gervásio Batista, Gil Pinheiro, Juvenil de Souza, Felisberto Rogério, Victor Gomes, Tolentino Gomes, Antônio Trindade, Eveline Muskat, Domingos Cavalcanti e Nelson Santos — RELAÇÕES PÚBLICAS: Roberto de Vasconcellos — ARTE: Wilson Passos e Rubem Gerschman — ARQUIVO: Aron Vaisman — PRODUÇÃO: Nelson Sampaio e Oriard T. Guimarães — SUCURSAL DE SÃO PAULO: Salomão Schwartzman, José Magalhães Chaves, Durval Ferreira, Geraldo Móri, Sérgio Jorge, Armando Bernardes e Zygmunt Haar — SUCURSAL DE BRASÍLIA: Murilo Melo Filho e Jader Neves — SUCURSAL DE PORTO ALEGRE: Sérgio Ross e Jairo Brandebursky — CORRESPONDENTES NO BRASIL: PARA: Oswaldo Mendes; CEARÁ: José Raimundo Costa; PERNAMBUCO: Fernando Luís Cascudo; BAHIA: Guilherme Simões; MINAS: Manoel Higino dos Santos; SANTA CATARINA: Ilmar Carvalho — CORRESPONDENTES INTERNACIONAIS: WASHINGTON: João Luiz de Albuquerque; ROMA: Vito Diniz Neto; JAPÃO: Moacir Martins Ferreira; LIMA: Don Micro — DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE: DIRETOR: Dirceu Torres Nascimento — GERENTE RIO: Francisco Augusto Nascimento — GERENTE SÃO PAULO: Salvia no Nogueira — ASSISTENTE: Décio Correia da Silva — GERENTE PORTO ALEGRE: Carlos Camargo — REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua Frei Caneca, 511. Tels. 32-4355 e 32-0300, Rio, GB. — BUREAU DE BRASÍLIA: Casa 222 da QG n.º 16 da Caixa Econômica. Tel. 2-4013 — BUREAU DE SÃO PAULO: Rua 24 de Maio, 35 — 11.º andar, salas 1101/5, Tel. 36-9998 — BUREAU DE PORTO ALEGRE: Rua Senhor dos Passos, 235, Loja 5, Tel. 47-44 — BUREAU DO NORDESTE (Recife): Av. Conde da Boa Vista, Edifício Sumaré, Conjunto 303 — DISTRIBUIÇÃO: Distribuidora Imprensa Ltda., R. do Senado, 192-A - Tel. 22-8817 - Rio de Janeiro, GB.

Manchete é

ASSOCIADA DO



IMPRESSA COM TINTAS BLOCH COLOR S. A.



CONVERSA COM O LEITOR

● Com todos os seus defeitos, a democracia americana ainda é o regime político que melhor corresponde ao que se pode chamar de expressão do voto popular. Mas, infelizmente, raros são, hoje, os países que se podem dar ao luxo de viver sob um governo "do povo, para o povo e pelo povo". É uma questão, por certo, de poderio econômico bem equilibrado. É uma liberdade isenta dos quatro médos de que falava Roosevelt e dos quais ainda padece a maior parte do mundo. Parabéns ao democrata Lyndon Johnson pela sua vitória e aos americanos que o elegeram.

JUSTINO MARTINS

Johnson

A PAZ

VENGE O

ODIO

Reportagem de Murilo Melo Filho
Enviado especial de
MANCHETE aos Estados Unidos (Pelo telex)





□ A esmagadora vitória do Presidente Johnson não foi apenas dele e do seu partido. Foi, antes de tudo, uma vitória da democracia e do povo norte-americano. Escolhendo um homem que falava de paz, em vez de outro que falava de guerra, esse povo revelou inegável maturidade e ponderação. Os norte-americanos preferiram os caminhos da coexistência pacífica e da cooperação internacional. O resultado do pleito trouxe uma sensação de alívio aos círculos internacionais, que vêem, na reeleição de Johnson, um tranquilizador elemento de estabilidade e de equilíbrio. Tanto mais que ele disporá nos dois próximos anos de considerável maioria no Congresso, pois a chapa democrata, de deputados, também obteve grande vitória.

SEGUE



"Pretendo fazer o governo mais construtivo e mais produtivo da história dos Estados Unidos", declarou Lyndon Johnson, ao receber a notícia da vitória

As últimas horas da campanha eleitoral caracterizaram-se pela inusitada violência nos discursos dos candidatos. Goldwater intensificou seus ataques pessoais a Johnson, acusando-o de ditador, fascista desonesto e traidor. Insistiu nas acusações de que o presidente americano era financiado como Bill Sol Estes e Bob Baker. Voltou freqüentemente a exigir o retorno à moralidade na alta administração do país, com referências expressas ao caso de Walter Jenkins, assessor presidencial, colhido em desmoralizante situação. Johnson fez questão de desconhecer esses ataques, mas os democratas revidaram-nos com agressões a Goldwater, chamando-o de irresponsável e mentiroso.

Alguns jornalistas políticos, com quem conversamos nestes últimos dias, lamentam que a campanha eleitoral tenha baixado a níveis tão deploráveis. Aham mesmo que esta foi a mais violenta campanha política que já se travou na história americana, superando até a ríspida luta travada há 4 anos entre Kennedy e Nixon. Entendem que ambos os partidos, nessa base, conseguiam apenas colocar o eleitorado americano diante da opção de escolher entre um candidato acusado de desonesto e outro acusado de loucura.

Até mesmo a fortuna pessoal do Presidente Johnson foi vasculhada pelos adversários, que devassaram sua declaração de bens e seu imposto de renda, para concluir que ele havia enriquecido com base apenas numa estação de rádio dirigida por sua mulher.

Enquanto isso, Goldwater enfatizava a sua honestidade pessoal, afirmando ser um homem cuja riqueza começou com a chegada ao Arizona do avô, imigrante polonês, e hoje está justificada por uma imensa cadeia de lojas por todo o Meio-Oeste americano.

A IMPRENSA VIROU A FAVOR DE JOHNSON

Fenômeno curioso passou-se com a imprensa americana. Tradicionalmente conservadora, ela sempre apoiou, em maciça maioria, os candidatos republicanos. Basta dizer que em 1960, nada menos de 75% dos órgãos da imprensa apoiavam Nixon contra Kennedy.

Agora, porém, esses órgãos viraram-se totalmente para o lado de Johnson, que teve o apoio de 26 milhões de exemplares diários contra 8 milhões a favor de Goldwater. Os maiores e mais influentes jornais ficaram contra o candidato republicano. O tradicional *Herald*, de Nova Iorque, que há 25 anos apoiava os republicanos, engajou-se na campanha dos democratas.

Porquê? Alinharam eles diversas razões para esta reviravolta:

1 Johnson correspondeu inteiramente à expectativa na inesperada e dramática sucessão de Kennedy.

2 Reconhece-se nele um político tão hábil e valoroso que, ao tempo de sua liderança, o bloco democrático do Senado soube transpor as barreiras partidárias e apoiar a política externa do Presidente Eisenhower.

3 Enquanto isso, Goldwater não oferece a menor qualificação pessoal para ser pre-

sidente, porque dá respostas muito simplórias a questões demasiadamente complexas.

4 Goldwater não representa sequer o verdadeiro espírito do Partido Republicano na atualidade e sua eleição significaria um retrocesso à década de 1910.

Como então é que um homem tão desqualificado chegou a ser escolhido para candidato de um partido onde havia líderes bem melhores do que ele? Em primeiro lugar, porque há 4 anos começou a trabalhar as bases partidárias, galvanizando desde os comitês de bairro até os diretórios municipais e estaduais. Em segundo lugar porque os seus possíveis rivais dentro do partido cometeram erros sucessivos que só serviram para ajudá-lo, a saber:

I Nelson Rockefeller, governador de Nova Iorque, divorciou-se da mulher, com quem estava casado há 26 anos, e desposou outra, que também abandonou o marido e quatro filhos. Essa dupla separação ofendeu não só os brios do poderoso eleitorado feminino mas também repercutiu no eleitorado masculino. Nunca um divorciado foi, até hoje, eleito presidente dos Estados Unidos.

II Cabot Lodge deixou-se ficar no seu longínquo posto de embaixador no Vietnã, onde aliás servia a um governo democrata.

III William Scranton, governador de Pensilvânia, alheou-se das eleições primárias e só se definiu como candidato quando Goldwater já havia ganho demasiado terreno.

IV Nixon já havia sido derrotado por Kennedy para a presidência da República e, mais recentemente, por Edmund Pat Brown, para governador da Califórnia. Estava, portanto, muito desgastado para pleitear nova indicação do seu partido.

Restou, assim, Goldwater. Os moderados do Partido Republicano — Eisenhower (que se hospitalizou), Rockefeller, Scranton, Rooney e Keating — fizeram questão de ausentar-se da campanha, para que os conservadores e extremistas do partido sentissem na própria pele uma derrota esmagadora.

Na realidade o candidato republicano, face ao problema comunista, limitava-se a dizer que, se eleito, oporia firme resistência aos vermelhos. Prometia também reconhecer o governo cubano no exílio e apoiar nova invasão de Cuba pelos exilados antifidelistas.



O Presidente Franklin Roosevelt, que impulsionou a carreira de Lyndon Johnson, num encontro, com este, no Texas. Johnson, eleito deputado, viajou com F.D.R. para Washington.

Em todas as cidades por onde passamos, nesta maratona eleitoral dos vinte dias que antecederam o pleito de 3 de novembro, ouvimos a mesma dúvida e apreensão: Ser firme contra os comunistas significará por acaso que de um momento para outro, como num passe de mágica, eles deixarão de ser comunistas e de possuir bombas atômicas? Até agora a prudência de Johnson conseguiu de certa forma conter a expansão comunista, fazendo-a até mesmo regredir em certas áreas decisivas, como por exemplo na América Latina. Ao mesmo tempo, essa prudência realizou a façanha de evitar a guerra. Goldwater obteria a mesma coisa? Sua eleição, com a imprudência e a agressividade que o caracterizam, não significaria a guerra imediata? Ele cometeu erros primários de estratégia que terminaram por conduzi-lo à derrota. Começou declarando-se extremista, a favor da guerra para exterminar chineses, cubanos e russos. Confessou-se racista e admirador da John Birch Society. Pronunciou-se pela venda do TVA (Administração do Vale do Tennessee) a empresas particulares. Quando percebeu que a terra lhe fugia sob os pés depois de pronunciamentos tão extremados, tentou voltar atrás e explicar-se. Sobretudo ante o impacto causado pelo assassinio de Kennedy. Mas aí já era tarde. Nesse recuo, ele perdeu a confiança de muitas áreas extremistas e conservadoras, sem conseguir, em contrapartida, o apoio do campo moderado, porque este já havia sido ocupado por Johnson.

A vitória de Johnson desrecalca de certo modo os políticos do Sul dos Estados Unidos. Ele não ousara enfrentar Kennedy, na convenção em que este fôra indicado, e se contentara em figurar na chapa democrática como simples vice, porque a tendência predominante era preferir os homens do Norte aos do Sul. O jovem senador de Massachusetts, com menos idade que Johnson, sobrepôs-se a este. Mas, no poder, Johnson tinha agora a seu favor a circunstância de ser o líder natural de seu partido. E, ainda, a tradição, segundo a qual nenhum vice, em exercício, deixou até hoje de se eleger para o período presidencial seguinte. O Sul, graças a isso, vingou-se, através dele, de longos períodos de proscricção política.

O Presidente Lyndon Baines Johnson nasceu numa modesta casa de fazenda, em Stonewall, no Texas, a 27 de agosto de 1908. Teve uma vida dura, de típico self-made-man. Aos 9 anos era engraxate, numa barbearia. Aos 15, terminado o curso ginasial, foi operário, na construção de estradas. Com suas economias, conseguiu viajar para a Califórnia. Exerceu, então, os mais diversos misteres: ascensorista, lavador de automóveis, faxineiro de café, outra vez operário na construção de estradas. A sede de saber o dominou. E, pedindo carona, viajou de carro até São Marcos, no Texas, onde se matriculou no Southwest State Teacher's College. Era, porém, preciso trabalhar, para que pudesse estudar. Arranjou um horário parcial para exercer a função de bedel naquela própria faculdade e, nas horas vagas, vendia meias, de porta em porta. A escassez de recursos obrigou-o a trancar a matrícula, por mais de um ano, durante o qual exerceu as funções de pro-



Ao lado de Jackie Kennedy, que pouco antes ficara viúva, o Vice-Presidente Lyndon Johnson, dentro de um avião, prestou juramento e assumiu o cargo de presidente dos EUA.

fessor numa pequena cidade texana. Aos 22 anos, sua tenacidade era premiada: recebia, afinal, o diploma de bacharel em Ciências. Foi então por dois anos professor de uma escola secundária e, em 1931, ingressou no serviço público, como secretário de um congressista do Texas. Passou, então, a frequentar as aulas da Universidade de Georgetown, em Washington, onde se diplomou em Direito. Nesse período conheceu Cláudia Alta Taylor, filha de um general e grande fazendeiro do Texas, conhecida, também, pelo nome de Lady Bird.

Em 1935, o Presidente Franklin Delano Roosevelt dava grande impulso à carreira política de Johnson, ao incluí-lo em sua equipe, como dirigente, no Texas, da National Youth Administration. Depois de dois anos de exercício, já em grande evidência no seu estado natal, Johnson se exonerou, para candidatar-se a deputado. Tinha, então, 29 anos. Havia uma só vaga, resultante da morte do congressista James P. Buchanan. Derrotando oito candidatos, Johnson ocupou a cadeira, reelegendo-se, depois, por uma nova legislatura.

A Segunda Grande Guerra o afastou dos trabalhos legislativos. Foi o primeiro deputado a se apresentar como voluntário. Nas águas da Austrália e da Nova Zelândia recebeu várias condecorações e deixou a Marinha, em que servia, com o posto de capitão-de-corveta. Só retornou a Washington em obediência à ordem presidencial, que mandava excluir das fileiras todos os congressistas. Depois de servir como deputado em cinco legislaturas, em 1948 foi eleito para o Senado Federal, onde permaneceu, com grande brilho, até ser escolhido vice-presidente. É detentor de um recorde na vida política norte-americana: foi o primeiro senador que, aos 44 anos de idade, alcançou a posição de líder partidário.

QUE REPRESENTOU JOHNSON NO GOVERNO DE KENNEDY

Como se quisesse familiarizar Lyndon Johnson com os problemas de Estado e prepará-lo para desempenhar, no futuro, os deveres de presidente, o jovem estadista John F. Kennedy confiou-lhe missões da mais alta importância. Viajando incansavelmente, Johnson o representou em vinte e sete diferentes países. Durante uma das graves crises suscitadas pelo levantamento do muro de Berlim, foi Johnson quem para lá correu, a fim de se informar e levar uma impressão imparcial aos Estados Unidos. Percorreu também as nações do Pacífico e do Extremo Oriente, em boas relações com os Estados Unidos, reafirmando-lhes a amizade e o apoio do seu país. Estêve igualmente no Oriente Médio, na África, na área do Mediterrâneo e nas nações escandinavas. Adquiriu, assim, uma visão global do mundo, de suas complicações e de seus delicados problemas. Em pouco, Kennedy já não passava sem os seus conselhos. E Lyndon Johnson, ingressando na esfera confidencial do poder executivo, pas-

sava a integrar o Conselho de Segurança Nacional dos Estados Unidos, participando das conferências semanais, de caráter sigiloso, realizadas na Casa Branca. O Presidente Kennedy o designou, logo depois, para dirigir o Conselho Nacional de Aeronáutica e Espaço, o Comitê Para a Igualdade de Oportunidades de Emprego e o Conselho Consultivo dos Voluntários da Paz. Nessas posições, ele continuou em grande parte os trabalhos que já havia realizado anteriormente na esfera legislativa. Como deputado e como senador, não só impulsionara esses serviços como ainda contribuíra para o Programa de Assistência Técnica a outras nações (hoje conhecido como Ponto IV), para o Plano Marshall (de ajuda aos países da Europa ocidental), etc.

A vitória de Johnson sobre Goldwater representa antes de tudo a vitória do diálogo



Lyndon Johnson conversa com o líder soviético Anastácio Mykoyan. Agora, ele não se entenderá mais com uma só personalidade, como no tempo de Kruchev, mas com uma equipe.

entre as nações de regimes diferentes, ou seja, a vitória da coexistência pacífica. O seu pensamento, a respeito, nunca deixou de ser franco, como se pode observar por estes conceitos e opiniões, colhidos em vários de seus pronunciamentos mais recentes:

- Não procuramos dividir o mundo, mas uni-lo. Sonhamos com o dia em que todos os homens possam viver sem ansiedade, como vizinhos que nutrem mútua confiança e como aliados em nome da liberdade.
- A América esforça-se por evitar a guerra não porque a tema, mas porque a odeia. Lutamos pela paz não porque sejamos fracos, mas porque somos fortes.
- Nunca ameaçamos ninguém por termos perdido a paciência, nem procuramos perturbar a paz: esperamos que a razão e o diálogo prevaleçam.
- Não antecipamos um mundo livre de diferenças ideológicas. A própria essência da liberdade é o direito e privilégio de divergir. Não gostaríamos de ver o mundo marchando com os pés acorrentados, com os homens de todas as nações pensando igualmente, agindo da mesma maneira, governando e sendo governados do mesmo modo.
- A reciprocidade é a chave da paz. Se os soviéticos quiserem a cooperação dos Estados Unidos, poderão obtê-la. Se os soviéticos desejarem a hostilidade dos Estados Unidos, poderão certamente provocá-la. Mas estamos prontos para lhes dar a oportunidade de demonstrar que estão preparados para fazer acordos limitados a assuntos específicos e honrá-los no interesse da humanidade.

Tal linguagem é exatamente o oposto da linguagem de Barry Goldwater. Quanto ao problema mais agudo dos Estados Unidos, a

questão da integração racial, a opinião de Johnson é também muito franca:

- O negro, hoje, pede justiça. E não lhe damos nenhuma espécie de satisfação, nem tampouco àqueles que jazem sob este solo, quando, em resposta às suas reivindicações, nós nos limitamos a lhe pedir paciência.
- É difícil melhorarmos o status do homem por meio de leis, mas, se dermos o voto ao negro, ele ajudará a si mesmo.
- Pessoas que jamais gozaram dos direitos básicos através de séculos chegaram ao ponto de explosão e agora exigem esses direitos. E não é possível encontrar razões morais e lógicas para lhes dizer não.
- A não ser que queiramos abandonar o nosso destino de grandeza entre as civilizações da história, nós, americanos brancos e negros, devemos criar condições para resolver o desafio a que não podemos fugir agora.

PROBLEMAS DE JOHNSON NO FUTURO

São vários e graves os problemas que o Presidente Johnson tem à sua frente e deverá enfrentar no período de quatro anos que se vai iniciar. Alguns dos problemas em questão já foram por ele mesmo abordados em sua plataforma. E os principais são:

- Aliviar a tensão da guerra fria e estabelecer relações de caráter mais amistoso com a União Soviética.
- Estabelecer limitações práticas e efetivas às experiências atômicas e à proliferação dos armamentos nucleares.
- Continuar o esforço do Presidente Kennedy, buscando estabelecer pontes entre os Estados Unidos e os países do Leste europeu.
- Criar dentro dos Estados Unidos ambiente mais compreensivo e propício ao desenvolvimento da ajuda ao exterior (que Barry Goldwater simplesmente queria suprimir de uma vez por todas).
- Reformulação do sistema tributário norte-americano, de sorte a poder a União entregar uma parte substancial de sua receita aos estados, mediante determinadas condições ou planos para o boa aplicação desses recursos.
- Estabelecimento de uma "administração de unidade nacional" que o permita cercar-se de auxiliares de grande competência.

Há ainda um problema: o de achar um meio de liquidar a questão do Vietnã. No próprio dia da eleição, desfiles se realizavam na Broadway, com populares conduzindo cartazes, os quais exigiam, fôsse quem fôsse o eleito, que as operações de guerra no Sudeste asiático tivessem fim. Os norte-americanos estão cansados de ouvir falar em Vietnã e em reverses das suas armas. "Queremos os EUA fora do Vietnã!", "Ponhamos fim já à guerra do Vietnã!", "Não queremos morrer no Vietnã!" — gritavam alguns desses cartazes. É impossível deixar de ver, nisso, uma influência do novo estado de espírito, criado pela bomba atômica chinesa. Mas, ao mesmo tempo, ainda ecoavam através dos Estados Unidos as palavras de Barry Goldwater, acusando Johnson de complacência, por não atirar todo o poder bélico norte-americano contra os vitcongues, e responsabilizando-o pelo desastroso ataque a uma base aérea dos EUA. Johnson está, assim, entre dois fogos: preso por ter e por não ter cão... O Vietnã é uma bota apertada, que ele precisa descalçar.

Só o Partido Democrata
gastou cêrca de cem milhões de
dólares para fazer a propaganda
eleitoral de Johnson



Linda, uma das filhas de Johnson, acompanhou-o durante tôda a campanha eleitoral. Isto fêz parte da estratégia democrata, que consistia em mostrar ao eleitorado que o seu candidato não era um político apegado às velhas fórmulas, mas bastante identificado com as novas gerações. Linda é hoje popularíssima nos Estados Unidos.



Robert Kennedy é, agora, a quarta figura na lista de importância do Partido Democrata, antecedido por Lyndon Johnson, Edmund Brown, governador da Califórnia, e Hubert Humphrey, candidato à vice-presidência. Sua campanha para senador, representando o Estado de Nova Iorque, contou com a participação da família Kennedy.

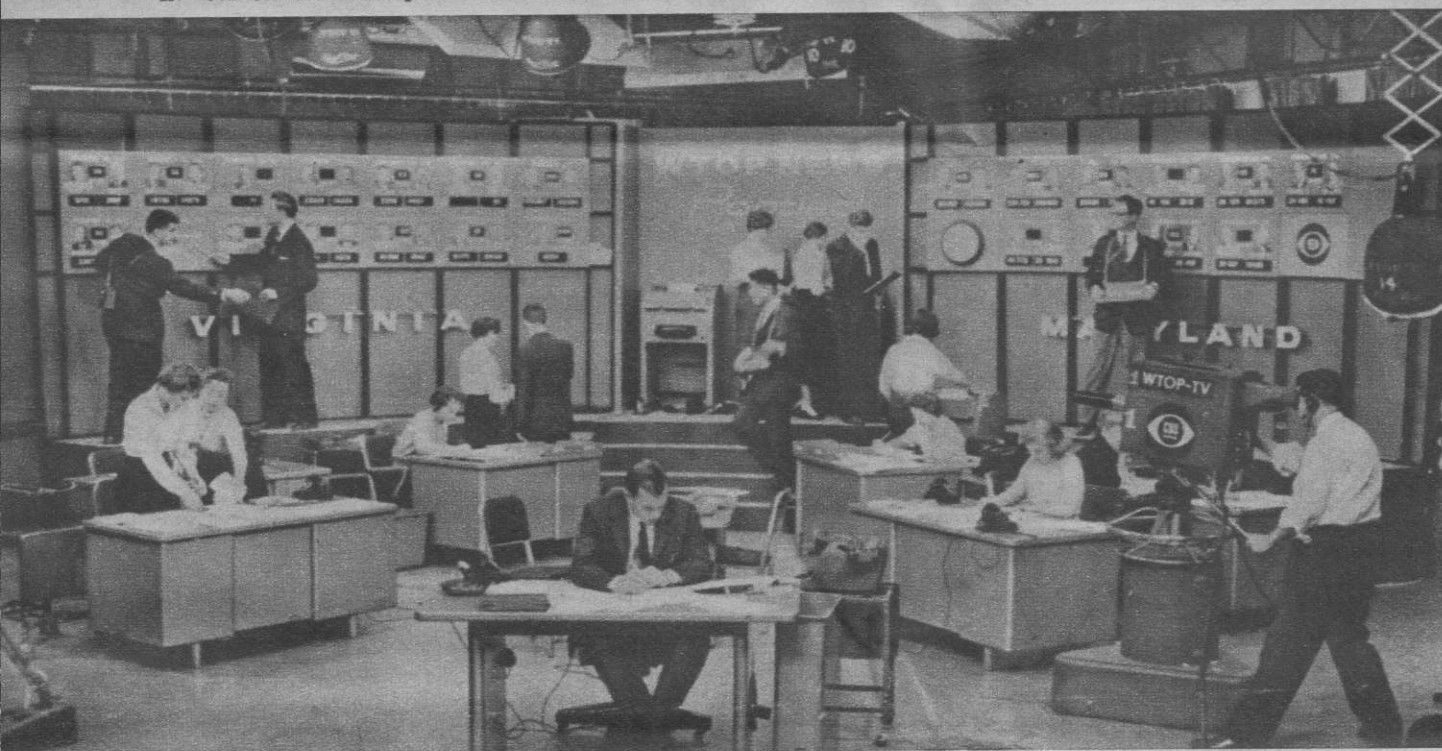
SEQUE



A partir do instante em que foram encerradas as eleições, tôdas as cadeias de televisão do país começaram a divulgar resultados



Os comitês eleitorais dos dois partidos trabalharam intensamente por seus candidatos até os derradeiros momentos. Pela 45.ª vez consecutiva o povo norte-americano foi chamado para escolher seu presidente e o fez com ínfimas abstenções.



Este estúdio de televisão, em Washington, foi aparelhado especialmente para transmitir os resultados em Maryland e Virgínia. Embaixo: a votação é feita em tempo recorde. O eleitor vota em máquinas que contam depois os sufrágios.



EM 1958, quando um repórter lhe perguntou se ele seria candidato à presidência dos Estados Unidos, o texano Lyndon Baines Johnson respondeu: "Não creio, enquanto eu fôr vivo, que algum cidadão do Sul venha a ser apontado candidato à Casa Branca. Mas, se isto acontecer, não acredito que ele seja eleito." Seis anos depois, Lyndon Johnson vê as suas duas predileções por ele mesmo desfeitas. Ao seu lado, na Casa Branca, nos próximos quatro anos, estará sua esposa Cláudia Alta — Lady Bird — Johnson, texana como ele. Na verdade, o fato de ser sulino marcou grande parte da campanha de Johnson. O presidente agora eleito viu-se obrigado a convencer contingentes eleitorais de Nova Iorque, Pensilvânia e Míchigan de que não era um "republicano dissidente", como muita gente dali costuma interpretar os democratas do Sul.



Augusto Frederico Schmidt

O BRASILEIRO KUBITSCHKE

PEDE-ME Adolpho Bloch — empreendedor generoso no sentir e no imaginar — que escreva, para a sua revista, algumas linhas sobre o brasileiro Juscelino Kubitschek.

Como furtar-me a um tema assim? Além da sedução do assunto, aconteceu-me ler, numa carta que acabo de receber do ex-Presidente, estas pungentes palavras: "Tive esperança que você viesse até aqui. Compreendo, porém, a sua resistência" (**não, ele não compreende**). "Não foi à toa que os gregos inventaram o ostracismo como castigo contra os seus adversários. Se eu conseguir voltar ao Brasil, nunca mais — mas nunca mesmo — transporei as suas fronteiras. É pavoroso viver no estrangeiro, sem data para voltar. Não tenho uma só raiz que não esteja pedindo seiva brasileira."

Poderá ser indiscreto, indelicado, entregar ao público trechos de uma carta particular e confidencial, como o faço agora. Mas assumo o risco e aceito o julgamento do meu correspondente, assim como o dos leitores, certo de que essas palavras do exilado Kubitschek o farão melhor compreendido pelos seus contemporâneos.

O que me parece importante, no exame do caso Kubitschek, é, principalmente, o seu sentimento de brasileiro. Não há, segundo ele próprio, nenhuma só de suas raízes que não necessite da seiva de nossa terra. Trata-se de um homem para quem o Brasil é uma coisa viva, uma coisa grande, uma coisa que merece ser tratada fora das medidas habituais. O Brasil, para usar uma frase de Jackson de Figueiredo, "transborda do conceito".

Quando o tempo — que é o vento da História — dispersar no esquecimento os senões, as fraquezas, as sujeições políticas, os erros de Juscelino Kubitschek; quando ninguém mais se lembrar da ríspida e desumana campanha que ele sofreu, os seus cinco anos de governo surgirão como realmente o foram: uma época criadora, o início de um verdadeiro entendimento do Brasil, da grandeza da tarefa do nosso povo em relação ao seu imenso destino. Diante do tribunal definitivo, não incorrerá o ex-Presidente — hoje privado do elementar direito de votar — na incriminação de ter visto pequeno, frágil, insignificante o seu país; não lhe poderão ser apontados os crimes da desesperança e do inconformismo, da inércia e da desconfiança, da cegueira e do desamor pelo Brasil. O Governo Kubitschek — força é confessar —, longe de ter permanecido num equilíbrio ou de ter sido intangível aos julgamentos dos críticos e dos petimetres, dos calculistas e dos ressentidos,

dos negativos e tristes, foi (quer queiram, quer não, os que pesam as coisas e as medem com os instrumentos da mediocridade) um governo grande, o governo inaugural dêsse Brasil Grande, de que está grávida a nossa esperança. Reconheço que ele recrutou mal alguns dos seus colaboradores; que se curvou demais às contingências políticas, que cometeu desacertos — mas sei muito bem que tudo isso fez parte da sua difícil caminhada e significou aumento do fardo que teve de colocar nos seus ombros. Mas pergunto-me se essa resignação ao subdesenvolvimento político não lhe poderá, até ela, ser creditada como humilde aceitação de um dos aspectos da realidade humana do Brasil, e, por causa disso, gratidão e admiração não lhe devem ser tributadas, porque assim mesmo administrou, viveu, sentiu o corpo de seu país — não como um jurídico-letrado ou um passante ligeiro — como um homem que respira, sente e se confunde com o objeto do seu amor?

Para Juscelino Kubitschek existe o Brasil. Para JK, o Brasil é, de fato, a pátria carnal e espiritual. Agiu e trabalhou movido sempre pela confiança e pela ambição. Ele sabia que deveria, em cinco anos, operar um milagre de aceleração na História desta nação. Sabia que as nossas grandes cidades são mostruários apenas de uma dolorosa inexistência, manchas na quase entevada e pobre terra nossa. Ele sabia que, além de algumas afirmações insólitas de desenvolvimento, em partes limitadas do complexo brasileiro, tudo o mais jazia no inanimado, no mormaço, no desânimo, no vir-a-ser, na inorganicidade, no inconstituído. E porque era essa a realidade, se o nosso homem é bom e apto? Se, quando atendido nos seus reclamos e cuidadas as suas mágoas físicas, logo ao primeiro sopro favorável, à primeira reação de saúde, se alteia e cresce. Vive mal, passa fome o nosso anônimo filho do povo; mas, se lhe oferecem o que ele mais necessita — trabalho —, depressa refloresce, produz e chega mesmo a superar muita gente mais favorecida pelas condições de vida.

JUSCELINO, medularmente homem do povo até no aspecto da sedução pelas coisas brilhantes e pelo supérfluo; Juscelino, filho do povo, ao mesmo tempo simples e fácil, enigmático e complexo, sentiu êsse drama brasileiro. Sentiu a nação física, a terra tocável e a doença física de seu país transformada em doença nacional. E seu Governo refletiu a compreensão dêsses nossos dramas.